

Apresentação  
AS MULHERES E A IMPRENSA PERIÓDICA

Reunimos nesta publicação algumas das comunicações do V Encontro Luso-Afro-Brasileiro: As Mulheres e a Imprensa Periódica (26 e 27 de setembro de 2017), de que participaram pesquisadores de diversas universidades estrangeiras e cujas raízes imergem em um primeiro projeto da responsabilidade do CLEPUL/Universidade de Lisboa que contava com a produção feminina do *Almanaque Luso-Brasileiro (1872-1932)*. No entanto, o *Encontro de As Mulheres e a Imprensa Periódica*, também ele de natureza internacional, alargou os objetivos para a inclusão de literatura de autoria feminina; ao fazê-lo, deu mais um passo e muito importante para a história das atividades femininas presas num tempo e numa premeditada obscuridade. Assim, há já uns anos, se trabalha, se estuda e se publica dando a conhecer trabalhos concretos de muitas e muitos pesquisadores sobre as obras ou feitos realizados pelo sexo feminino, permitindo um outro conhecimento que está longe de ser concluído.

E assim começamos com Constância Lima Duarte, que trabalha no seu artigo a imprensa periódica oitocentista brasileira dedicada às mulheres “na busca por seus direitos e na construção de sua identidade e de uma dicção literária própria”. Faz, assim, um estudo de caráter geral em “A História possível: Imprensa e emancipação da mulher no Brasil no século XIX”, matéria assaz vasta e complexa por cronologicamente incluir um século de análises de diversa ordem. Ana Cláudia Suriani da Silva reflete em “A Gênese da Revista e da Crônica de Moda Brasileiras (1827-1851)” acerca do surgimento de publicações de moda como *O Espelho Diamantino (1827-1828)*, *A Mulher do Simplício (1832-1846)* e *o Correio das Modas*, a par do desenvolvimento da imprensa e da indústria de moda brasileiras, bem como as suas principais características, matéria que nos pode levar para outro tipo de conclusões como a que diz respeito à mentalidade da época. Determina as origens da crônica da moda brasileira como gênero jornalístico. Ana Costa Lopes revela aspectos do diálogo entre as “Tendências Progressistas e Conservadoras na Imprensa Periódica Feminina Portuguesa de Oitocentos” privilegiando as primeiras. Mostra a luta das mulheres contra a desigualdade de gênero e todas as formas de discriminação; contra os tabus e preconceitos de ambos os sexos impeditivos da igualdade de direitos civis e políticos. Vania Pinheiro Chaves, em “Recepção e Fortuna Crítica de Escritoras Brasileiras no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*”, demonstra, por um lado, a numerosa produção escrita destas autoras na referida publicação e, por outro, a escassa “fortuna crítica dessas escritoras exarada em textos que

se enquadram em subgêneros típicos do século XIX, tais como o comentário biobibliográfico e a crítica de belezas (e defeitos)”. Camila Soares López, em “‘Les Romans:’ Rachilde no *Mercur de France* (1896-1899)”, analisa o percurso literário e as ligações intelectuais de Rachilde, pseudônimo de Marguerite Eymery, não só como romancista, mas também como colaboradora do *Mercur de France* e divulgadora de romances recém-lançados na rubrica “Les Romans” nos últimos anos da década de 1890. Já Daniela Mantarro Callipo analisa, em “De *vedette* a poeta: a trajetória de Rose Méryss”, o êxito desta cantora parisiense no Rio de Janeiro, onde esteve de 1870 a 1917, mas também o seu triunfo como poetisa e jornalista ao colaborar em vários periódicos. Partindo do princípio de que o século XIX, “em termos sociais, foi marcado pela continuidade das relações patriarcais e da submissão feminina”, Francisco das Neves Alves, em “Imprensa Periódica Literária e Escrita Feminina: duas ‘Mulheres de Letras’ no Extremo-Sul do Brasil”, estuda, através da imprensa periódica, a luta desenvolvida durante décadas, no Rio Grande do Sul, por Julieta de Melo Monteiro e Revocata Heloísa de Melo em prol da igualdade e dos direitos femininos. Sílvia Maria Azevedo, no artigo “Júlia Lopes de Almeida–Conferencista”, pesquisa esta atividade, afinal desconhecida, da tão importante escritora, bem como os respectivos temas por ela abordados nessas diversas conferências como a moda, a mulher e a arte e as flores. Insere-se a sua colaboração num importante projeto de Coelho Neto e Olavo Bilac no Rio de Janeiro. Dayane Mussulini dá-nos a conhecer “A figura feminina na ‘Semana Literária’, de Machado de Assis, em Oitocentos”. Analisa nesta coluna do *Diário do Rio de Janeiro* as diversas concepções do autor acerca das mulheres e das suas produções literárias, bem como do seu fazer literário. Importante é que Machado de Assis, apesar da mentalidade então vigente de exclusão “das mulheres dos exercícios literários”, parece ter uma posição diferente. Jaison Luís Crestani, em “Literatura, Imprensa e Mulher: Machado de Assis e a Representação do Feminino”, pesquisa e compara em o *Jornal das Famílias*, *A Estação* e *Gazeta de Notícias* o processo de “reescritura de uma mesma situação temática com enfoques divergentes” do escritor em três contos. Averigua ainda “as transformações e ajustamentos da escrita machadiana em função das diferentes instâncias de publicação em que colaborou no decorrer de sua carreira”.

Eduardo da Cruz e Francisco Topa encerram esta apresentação de textos versando sobre duas portuguesas ligadas ao Brasil, mas por motivos diferentes. É assim que Eduardo da Cruz, no artigo “Ana de Castro Osório no Brasil: Imprensa Periódica, Sociabilidade, Política e Mercado Editorial”, estuda não só a correspondência de Castro Osório, mas também a sua colaboração no periódico *Portugal Moderno*, aquando da sua estadia em São Paulo, entre 1911 e 1914. Dá-nos, assim, informações sobre as relações

pessoais e editoriais estabelecidas com o Brasil aquando da sua estadia. Francisco Topa aborda outros aspectos na comunicação “Uma Lusa nos Trópicos: A Colaboração de Guilhermina de Azeredo em a *Acção: Semanário Português para Portugueses*”, onde trata da colaboração da escritora em dezoito textos da *Acção*, periódico ideologicamente afeto ao Estado Novo, e analisa também a literatura colonial, mostrando a importância dessa documentação não só para Portugal, mas também para o estudo das literaturas nacionais africanas.

Encerra mais este volume da revista *Miscelânea* resenha da coletânea de ensaios *Belle Époque: crítica, arte e cultura*, organizada por Carmen Negreiros, Fátima Oliveira e Rosa Gens.

A despeito do carácter sumário desta apresentação, pretendeu-se aqui salientar a diversidade de estudos de carácter geral ou particular sobre *As mulheres e a imprensa periódica*, não esquecendo os que privilegiam os estudos literários. Estas atividades orais e posteriormente escritas dão a conhecer, a nível nacional e internacional, trabalhos nestas áreas e permitem o acesso a informações e ilações, muito longe de estar concluídas. Esta enriquecedora variedade fomentará, por certo, a continuação e o aprofundamento destes conhecimentos e reflexões e atrairá, por certo, novos investigadores e investigadoras para tão importantes áreas.

Na conclusão desta apresentação, deixam-se registrados enfáticos agradecimentos a CAPES, CNPq, FAPESP e PROPG/UNESP, órgãos de fomento à pesquisa que possibilitaram, mediante significativo apoio financeiro, a realização do V Encontro Luso-Afro-Brasileiro: As Mulheres e a Imprensa Periódica.

Lisboa/Assis, 30 de julho de 2018

Ana Maria Costa Lopes  
Alvaro Santos Simões Junior  
Dayane Mussulini